

Título: “Gama Ainda Grita”

Texto: Robson Poeta

Atuação: Tiago Silva

Direção: Diana Ramos

Produção: Elba Caroline

(Luzes acendem devagar. Um homem negro, de terno puído, mas altivo, está em pé diante do público. Ele segura um livro numa mão e uma corrente quebrada na outra. Silêncio. Ele respira fundo.)

LUÍS (olhando para o público, sorrindo):

Senhoras e senhores... me perdoem o atraso. É que ressuscitar não é tarefa simples... ainda mais quando o povo que te invoca carrega o peso de uma pátria que esquece, que apaga, que rasura.

(Anda pelo palco, observando o público.)

Mas eu vim. Vim porque me chamaram!
E quando um preto chama, o Gama responde.

(Ergue a corrente quebrada.)

Achavam que eu tinha ido embora quando morreram as senzalas, mas não sabiam que hoje as correntes são invisíveis...

Feitas de CEP, de cor de pele, de sobrenome que não abre porta nem pra banheiro de shopping.

E o pior: continuam com o mesmo ferrolho de antes — o racismo estrutural.

LUÍS (rindo com sarcasmo):

Hoje dizem:

“Ninguém é escravo mais!”

— Claro! Agora se chama "trabalho informal", "CLT rasgada", "empreendedor de si mesmo"...

Negro vendendo bala no sinal é só mais um "guerreiro da vida", né?

(Pausa. Olha fundo para o público.)

Mas guerreiro sem espada, sem escudo, sem armadura...

Só com a cor da pele como alvo.

Eu era filho de negra liberta. Me venderam quando eu era criança.

Hoje vendem os nossos em parcelas de 24x no carnê da sobrevivência.

(Gesticula com intensidade.)

Quer saber?

O Brasil não aboliu a escravidão. Ele só passou um pano!

E bem mal passado, viu?

Deixou a mancha ali, no canto, achando que ninguém ia ver...

Mas a gente vê. A gente sente!

LUÍS (com emoção contida):

Fui advogado sem diploma, e defendi mais de 500 irmãos e irmãs da escravidão.
Hoje, quem defende o povo preto?
Quem ergue a voz quando um jovem negro cai com 80 tiros nas costas e o jornal diz:
“confundiram com bandido”?

(Pausa. Respira.)

Eu defendi os nossos porque acreditava na liberdade.
Mas não essa liberdade que cabe numa hashtag...
Eu queria a liberdade de andar sem medo.
De sonhar sem censura.
De existir sem pedir desculpa.

(Olha para o livro em sua mão.)

Esse aqui? É Constituição.
Mas, sinceramente, só funciona pra quem já nasceu no parágrafo certo.

LUÍS (mais leve, com humor):

Se eu fosse vivo hoje, teria processado uns 300 políticos, 200 empresários e uns 150 influencers por danos morais à negritude brasileira!

Mas, ei...
Não vim só reclamar, não.
Vim lembrar que o Gama ainda grita!
Grita nas quebradas, nas universidades, nos coletivos de arte, nos saraus da resistência...

LUÍS (olhando para frente, firme):

Hoje, sou cada preto que levanta pra dizer: “eu posso”.
Sou a mulher preta que sustenta três filhos e ainda samba.
Sou o menino que sonha ser juiz... e vai ser!

LUÍS (com orgulho):

E se tentarem calar, já aviso:
a nossa voz ecoa em gerações!
Porque cada vez que um preto diz “eu sou”,
eu, Luís Gama, renasço de novo.

(Silêncio. Ele abaixa a corrente com cuidado, como se a oferecesse ao público.)

LUÍS (baixinho, quase um segredo):

Me chamaram de “advogado dos escravos” ...
Mas, no fundo, sempre fui advogado da liberdade.
E a liberdade...
ainda está em julgamento.

(Luz vai apagando devagar, enquanto ele sai andando, altivo. Fim.)